

Reforma ou revolução

Um discurso proferido por Daniel De Leon
sob os auspícios da People's Union, no Wells'
Memorial Hall, Boston, em 26 de janeiro de 1896.

Sr. Presidente e Trabalhadores de Boston: Tenho o hábito de juntar dois mais dois e tirar minhas conclusões. Quando fui convidado para ir a Boston, o convite chegou a mim quase ao mesmo tempo que uma informação oficial de que uma reorganização do partido estava sendo cogitada na cidade de Boston. Juntei as duas coisas e cheguei à conclusão de que parte do objetivo do convite era que eu viesse até aqui para contar a vocês sobre quais linhas nós, em Nova York, nos organizamos e sobre quais linhas nós, os "perversos" socialistas de Nova York e do Brooklyn, demos à classe capitalista, em novembro passado, o golpe de 16.000 votos.

'ORGANIZAÇÃO'

Tornou-se um axioma que, para obter resultados, é necessário organização. No entanto, existe "organização" e "organização". Isso fica claro pelo fato de que os puros e simplistas andam dizendo aos trabalhadores: "Organizem-se! Organizem-se!" e depois de dizerem isso, e de estarem "organizando" e "organizando" nos últimos 30 ou 40 anos, descobrimos que eles estão praticamente onde começaram, se não em situação pior; que sua "organização" tem a natureza da lagartixa, cuja cauda destrói o que suas partes anteriores constroem.

Acho que a melhor coisa que posso fazer para ajudá-los a se organizar é apresentar-lhes os princípios sobre os quais as seções socialistas de Nova York e Brooklyn estão organizadas. Para isso, voltarei aos princípios básicos e, ao explicar-lhes a diferença entre reforma e revolução, poderei, passo a passo, indicar como nós fazemos e como vocês devem fazer.

Vou presumir - é uma atitude sábia que um orador deve adotar - que ninguém nesta plateia sabe o que é "reforma" e o que é "revolução". Aqueles que estão informados me entenderão melhor; aqueles que não estão, me acompanharão mais facilmente.

Ouvimos as pessoas falarem sobre as "forças reformadoras", sobre "evolução" e sobre "revolução" de maneiras altamente confusas. Vamos esclarecer nossos termos. Reforma significa uma mudança externa; revolução - pacífica ou

DANIEL DE LEON

sangrenta, o fato de ser pacífica ou sangrenta não tem qualquer importância para a essência da questão - significa uma mudança interna.

REFORMA

Veja, por exemplo, um poodle. Você pode reformá-lo de várias maneiras. Você pode raspar todo o corpo dele e deixar uma borla na ponta da cauda; você pode fazer um furo em cada orelha e amarrar um laço azul em uma e um laço vermelho na outra; você pode colocar uma coleira de latão no pescoço dele com suas iniciais e um cobertorzinho bem cortado nas costas; ainda assim, ele era um poodle e continua sendo um poodle. Cada uma dessas mudanças provavelmente provocou uma mudança correspondente na vida do poodle. Quando foi tosado de todos os pelos, com exceção de uma borla na ponta da cauda, ele era propriedade de um wag que provavelmente se importava apenas com a diversão que poderia obter de seu animal de estimação; quando ele aparece ostensivamente enfeitado com laços, provavelmente o apego de sua jovem dona é de um tipo mais tenro; quando mais tarde o vemos com a roupa de um criador, o tratamento que ele recebe e os usos que lhe são dados podem ser ainda mais diferentes, e provavelmente são. Cada uma dessas transformações ou estágios pode marcar uma verdadeira época na existência do poodle. E, no entanto, essencialmente, ele era um poodle, é um poodle e continuará sendo um poodle. Isso é reforma.

REVOLUÇÃO

Mas quando olhamos para trás, para miríades de anos, ou nos projetamos em cataclismos físicos futuros, e traçamos o desenvolvimento da vida animal, do invertebrado ao vertebrado, do lagarto ao pássaro, do quadrúpede ao mamífero, até chegarmos ao protótipo do poodle, e finalmente chegamos ao próprio poodle, e assim por diante - então encontramos mudanças radicais a cada passo, mudanças internas que alteram a própria essência de seu ser, e que colocam, ou colocam, sobre ele a cada vez um selo que altera o próprio sistema de sua existência. Isso é revolução.

O mesmo acontece com a sociedade. Sempre que uma mudança deixa o mecanismo interno intacto, temos uma reforma; sempre que o mecanismo interno é alterado, temos uma revolução.

Obviamente, nenhuma mudança interna é possível sem manifestações externas. As mudanças internas denotadas pela revolução ou evolução do lagarto para a águia são acompanhadas de marcas externas. O mesmo acontece com a sociedade. E é aí que reside uma das armadilhas em que o diletantismo ou as "reformas" invariavelmente caem. Eles perceberam que o externo muda com o interno e ficam satisfeitos com as meras mudanças externas, sem olhar para trás da cortina. Mas falaremos mais sobre isso em breve.

Nós, socialistas, não somos reformistas; somos revolucionários. Nós, socialistas, não nos propomos a mudar as formas. Não nos importamos com as formas. Queremos uma mudança no interior do mecanismo da sociedade e deixamos que a forma cuide de si mesma. Vemos na Inglaterra um monarca coroado; vemos na Alemanha um imperador cepado; vemos neste país um presidente não coroado, e não conseguimos ver a diferença essencial entre a Alemanha, a Inglaterra ou os Estados Unidos. Sendo assim, somos céticos quanto às formas. Somos como crianças crescidas, no sentido de que gostamos de olhar o interior das coisas e descobrir o que há lá.

REFORMA OU REVOLUÇÃO

Mais uma explicação preliminar. O socialismo é louvado por alguns como um movimento angelical, e por outros é condenado como um esquema diabólico. Por isso, você encontra os Gomperses discordando do assunto; e Harry Lloyd, com cujas travessuras, para sua tristeza, você está mais familiarizado do que eu, declarando-se socialista em um lugar e, em outro, desmerecendo o socialismo. O socialismo não é uma aspiração de anjos nem uma conspiração de demônios. O socialismo se move com os pés firmemente plantados no chão e a cabeça não perdida nas nuvens; ele pega a ciência pela mão, pede a ela que lidere e vai aonde quer que ela aponte. Ele não pega a ciência pela mão, dizendo: "Eu a seguirei até o fim da estrada, se isso me agrada". Não! Ele a pega pela mão e diz: "Para onde quer que você conduza, para lá eu devo ir". Os socialistas, portanto, se movem como homens inteligentes; não nos amotinamos porque, em vez de termos asas, temos braços e não podemos voar como gostaríamos.

O que significa socialismo, então, tendo em vista as diferenças entre reforma e revolução? Para apontar isso, vou abordar dois ou três dos que posso chamar de principais centros nervosos do movimento.

GOVERNO - O ESTADO

Um desses principais centros nevrálgicos é a questão do "governo" ou a questão do "estado". Quantos de vocês já não viram nas prateleiras de nossas bibliotecas livros que tratam da "História do Estado"; das "Limitações do Estado"; do "O que o Estado deve fazer e o que não deve fazer"; das "Funções legítimas do Estado", e assim por diante até o infinito? No entanto, não há um único entre todos eles, produtos, como todos são, do caráter vulgar e superficial do pensamento capitalista, que aborde a questão ou realmente defina o "estado". Somente quando chegamos às grandes obras do americano Morgan, de Marx e Engels e de outros filósofos socialistas, a questão é tratada com aquela lucidez científica que parte dos fatos, leva a conclusões sólidas e abre caminho para o trabalho prático. Somente quando você conhecer e entender a história do "estado" e do "governo" é que entenderá um dos princípios fundamentais sobre os quais se baseia a organização socialista e estará em condições de se organizar com sucesso.

Dizem-nos que o "governo" sempre foi como é hoje e sempre será. Esse é o primeiro erro fundamental do que Karl Marx chama justamente de vulgaridade capitalista de pensamento.

Quando o homem iniciou sua carreira, depois de ter ultrapassado o estado de selvagem, percebeu que a cooperação era uma necessidade para ele. Ele entendeu que, junto com outros, poderia enfrentar seus inimigos de uma maneira melhor do que sozinho; poderia caçar, pescar e lutar com mais sucesso. Seguindo as instruções do grande escritor Morgan - o único grande e original escritor americano sobre essa questão -, olhamos para as comunidades indígenas, os assentamentos indígenas, como um tipo de sistema social pelo qual nossos ancestrais, todos eles, sem exceção, passaram em algum momento.

O índio vivia na condição de comunidade. O índio vivia sob um sistema de propriedade comum. Como Franklin descreveu, em um esboço da história e da suposta sacralidade da propriedade privada, não havia

não existia propriedade privada entre os índios. Eles cooperavam, trabalhavam juntos e tinham uma autoridade central de direção entre eles. Nas comunidades indígenas, encontramos essa autoridade central de direção composta pelos "sachems". Não faz diferença como essa autoridade central de direção era eleita; ela existia. Mas observe o seguinte: sua função era dirigir os esforços cooperativos ou coletivos das comunidades

e, ao fazê-lo, participou ativamente do trabalho produtivo das comunidades. Sem seu trabalho, o trabalho das comunidades não teria sido realizado.

Quando, no desenvolvimento posterior da sociedade, as ferramentas de produção cresceram e se desenvolveram - cresceram e se desenvolveram além do ponto alcançado pelo índio; quando a arte de fundir minério de ferro foi descoberta; quando, assim, ocorreu o principal cataclismo social, envolto nas brumas das eras, mas ainda assim discernível, que dividiu a antiga sociedade comunal em duas ao longo da linha do sexo, sendo os homens capazes, e as mulheres incapazes, de manejar a ferramenta de produção - então a sociedade foi moldada em um novo molde; A comunidade formal, com sua igualdade democrática de direitos e deveres, desaparece e surge um novo sistema social, dividido em duas seções, uma capaz e outra incapaz de trabalhar na produção. A linha que separa essas duas seções, sendo inicialmente a linha do sexo, poderia, na própria natureza das coisas, ainda não ser nítida ou profunda. No entanto, apesar disso, na própria formação dessas duas seções - uma capaz, a outra incapaz de se alimentar - temos a primeira premonição das classes, das distinções de classe, da divisão da sociedade em independentes e dependentes, em senhores e escravos, governantes e governados.

Simultaneamente, com essa revolução, encontramos as primeiras mudanças na natureza da autoridade central de direção, daquele órgão cuja função original era participar da produção, dirigindo-a. Assim que a igualdade econômica é destruída e as classes econômicas surgem na sociedade, as funções da autoridade central de direção começam a mudar gradualmente, até que, finalmente, depois de um longo período de anos, movendo-se lentamente no início e depois com a atual velocidade de furacão sob o capitalismo propriamente dito, a ferramenta se desenvolveu mais e mais, e ainda mais, e alcançou sua atual perfeição e magnitude fabulosas; quando, por meio de sua propriedade privada, a ferramenta provocou uma revolução dentro de uma revolução ao dividir a sociedade, não mais ao longo da linha do sexo, mas estritamente ao longo da linha da propriedade ou não propriedade da terra e da ferramenta com a qual trabalhar; quando a ferramenta gigantesca de propriedade privada de hoje reduziu mais de 52% de nossa população ao estado de incapacidade absoluta de se alimentar sem antes se vender como escravo assalariado, ao mesmo tempo em que exaure o solo de cerca de 39% de nosso povo, a classe média, cujas ferramentas insignificantes, o pequeno capital, os torna vítimas certas da concorrência com o grande capitalista e os deixa desesperados; quando a lei econômica que afirma

O próprio sistema de propriedade privada da ferramenta concentrou esses proprietários privados em cerca de 8% dos habitantes da nação e, assim, permitiu que essa pequena classe capitalista vivesse sem trabalhar e obrigasse a maioria, a classe do proletariado, a trabalhar sem viver;

quando, finalmente, nosso país chega ao ponto em que se encontra agora, em que, como foi declarado no Congresso, 94% dos impostos são gastos para "proteger a propriedade" - a propriedade da classe capitalista trivialmente pequena - e não para proteger a vida; when, in short, the privately owned tool has wrought this work and the classes—the idle rich and the work- ing poor—are in full bloom—then the central directing authority of old stands transformed; its pristine functions of aiding in, by directing, pro- duction have been supplanted by the functions of holding down the dependent, the slave, the ruled, i.e., a classe trabalhadora. Então, e não antes, eis que surge o Estado, o Estado moderno, o Estado capitalista! Então, eis que o governo, o governo moderno, o governo capitalista - equipado principalmente, se não exclusivamente, com os meios de supressão, de opressão, de tirania!

Ao ver essas manifestações do Estado moderno, o anarquista - tanto o da variedade água-rosa quanto o da variedade água-suja - grita: "Acabem com toda autoridade central de direção; vejam o que isso faz; só pode causar danos; sempre fez maldades!" Mas o socialismo não é anarquia. O socialismo não é, como a galinha da f á b u l a , que acaba de sair da casca e começa com o conhecimento daquele dia. O socialismo rejeita as premissas e as conclusões da anarquia sobre o Estado e o governo. O que o socialismo diz é: "Fora com o sistema econômico que altera as funções benéficas da autoridade central de direção de um auxílio à produção para um meio de opressão". E prossegue mostrando que, quando os instrumentos de produção não mais pertencerem à minoria, mas forem armazenados para a comunidade; que quando, como resultado disso, a minoria ou qualquer porção do povo não mais estiver na pobreza e nas classes, as distinções de classe e o governo de classe terão, como necessariamente devem, desaparecido, então a autoridade central de direção perderá todas as suas funções repressivas e deverá reassumir as funções que tinha nas antigas comunidades de nossos ancestrais, tornando-se novamente um auxílio necessário e ajudando na produção.

O socialista, no brilhante símile de Karl Marx, vê que um violinista solitário em seu quarto não precisa de um diretor; ele pode se organizar sozinho, com seu violino no ombro, e começar a dançar e parar quando quiser. Porém, assim que você tem uma orquestra, também precisa ter um diretor de orquestra - uma autoridade central de direção. Se não tiver, você pode ter uma reunião do Exército da Salvação, pode ter um colapso negro da Louisiana; pode ter uma sinagoga judaica ortodoxa, onde cada homem canta no tom que quiser, mas não terá harmonia - impossível.

Ela precisa dessa autoridade central de direção do mestre de orquestra para ordenar todos os músicos em um determinado momento; para indicar quando devem começar; quando fazer com que estes toquem mais alto, quando fazer com que aqueles toquem mais baixo; quando colocar este instrumento, quando silenciar aquele; para regular o tempo de todos e preservar o acordo. O diretor da orquestra não é um opressor, nem sua batuta é uma insígnia de tirania; ele não está lá para intimidar ninguém; ele é tão necessário ou importante quanto qualquer um ou todos os membros da orquestra.

DANIEL DE LEON

Nosso sistema de produção tem a natureza de uma orquestra. Não se pode mais dizer que um homem, uma cidade ou um estado seja independente do outro; todo o povo dos Estados Unidos, cada indivíduo que o compõe, é dependente e interdependente de todos os outros. A natureza do maquinário de produção; a subdivisão do trabalho, que auxilia a cooperação e que a cooperação promove, e que é necessária para a abundância de produção que a civilização exige, obriga a um trabalho harmonioso de todos os departamentos de trabalho e, portanto, obriga o estabelecimento de uma autoridade central de direção, de um diretor de orquestra, por assim dizer, da orquestra da riqueza comum cooperativa.

Esse é o estado ou governo que a revolução socialista carrega em seu ventre. Hoje, a produção é deixada para a anarquia e somente a tirania, irmã gêmea da anarquia, é organizada.

O socialismo, portanto, implica organização; a organização implica autoridade de direção; e um e outro são reflexos estritos das revoluções sofridas pela ferramenta de produção. O reformismo, por outro lado, dá uma olhada na superfície e, com "referendos" e dispositivos semelhantes, limita-se a ajustes externos.

MATERIALISMO-MORALIDADE

O segundo ponto nevrálgico do socialismo que servirá para ilustrar a diferença entre reforma e revolução é sua base materialista.

Veja, por exemplo, a história da escravidão. Todos os nossos antepassados - isso pode chocar alguns de vocês, mas é um fato - todos os nossos antepassados foram canibais em algum momento. A raça humana, em sua necessidade de buscar alimento, muitas vezes achava mais fácil fazer uma incursão e tirar dos outros o alimento que haviam coletado. Naqueles velhos tempos de barbárie de nossos ancestrais, quando eles conquistavam um povo e tomavam suas propriedades, não tinham mais utilidade para os conquistados; eles os matavam, espiravam-nos em uma boa fogueira, assavam-nos e os comiam. Essa era uma maneira simples e lucrativa de se livrar dos prisioneiros de guerra. Eles faziam com seus prisioneiros muito parecido com o que as abelhas ainda fazem; quando invadem e conquistam uma colmeia, matam impiedosamente todos os habitantes da colmeia capturada.

Nossos ancestrais continuaram canibais até que seu sistema social se desenvolveu o suficiente para permitir que mantivessem seus prisioneiros sob controle. A partir desse momento, eles acharam mais lucrativo manter seus prisioneiros de guerra vivos e transformá-los em escravos para trabalhar para eles do que matá-los e comê-los. Com esse estágio de desenvolvimento material, o canibalismo foi abandonado. A partir do plano material superior em que nossos ancestrais se encontravam, sua visão moral se ampliou e eles logo perceberam que era imoral comer um ser humano.

O canibalismo desaparece para dar lugar à escravidão de bens móveis. E o que estamos vendo? Observamos o processo de "desenvolvimento moral" neste país - o terreno clássico, em muitos aspectos, para se estudar história, porque todo o desenvolvimento da humanidade pode ser visto aqui, retratado em poucos

REFORMA OU REVOLUÇÃO

anos, por assim dizer. Você sabe como, hoje em dia, o povo do Norte se vangloria da moralidade de ter "abolido a escravidão", o "tráfico de carne humana", "descido ao Sul e lutado e sangrado para libertar o negro", etc., etc. No entanto, sabemos que, assim que a manufatura foi introduzida no Norte, o Norte descobriu que era muito caro possuir o negro e cuidar dele; que era muito mais barato não possuir o trabalhador; e, conseqüentemente, eles "religiosamente", "humanamente" e "moralmente" venderam seus escravos para o Sul, enquanto transformavam os brancos do Norte, que não tinham meios de produção em suas próprias mãos, em escravos assalariados, e os moíam sem piedade. No Norte, a escravidão de bens móveis desapareceu assim que o desenvolvimento de máquinas tornou a instituição não lucrativa. A imoralidade da escravidão em bens móveis ficou clara para o Norte assim que, estando em um plano mais elevado, elevado por seu desenvolvimento material, ele adquiriu uma visão melhor. O Sul, ao contrário, que não possuía maquinário, permaneceu com os olhos fechados e manteve a escravidão até que o escravo fosse arrancado de seus punhos.

Guiado pela luz dessa e de muitas outras lições semelhantes da história, o socialismo se baseia no princípio de que o "sentimento moral", conforme ilustrado pelo destino do escravo, não é a causa, mas um poderoso auxílio às revoluções. O sentimento moral é para um movimento tão importante quanto as velas são para um navio. No entanto, por mais importantes que sejam as velas, a menos que o navio esteja bem carregado, a menos que tenha sido construído de forma sólida, adequada e científica, quanto mais velas forem empilhadas e estendidas, mais seguro será o naufrágio. O mesmo acontece com as organizações que devem levar a cabo uma revolução. A não ser que suas organizações socialistas sejam tão sólidas quanto um sino; a não ser que sejam tão inteligentes quanto a ciência; a não ser que se baseiem diretamente no princípio de que dois e dois são quatro e, em nenhuma circunstância, permitam que sejam cinco, quanto mais sentimento você colocar nelas, mais certeza elas terão de virar e afundar. Pelo contrário, carreguem seu navio revolucionário com o carregamento adequado da ciência; mantenham-no estritamente no lodestar; não tentem fazer macaquices, nem se envolver com qualquer coisa que não seja estritamente científica, ou com qualquer homem que não esteja em nossa plataforma intransigentemente científica; façam isso e, em seguida, desfraldem livremente as velas da moralidade; então, quanto mais velas, melhor será o seu navio; mas, a menos que façam isso, estarão seguros ou poderão prevalecer.

O socialismo sabe que os levantes e as transformações revolucionárias partem do leito rochoso das necessidades materiais. Com total apreço e veneração pelos impulsos morais equilibrados com o conhecimento científico, ele evita, olha com justa desconfiança e dá um grande espaço para a moralidade balofa, ou seja, aquelas febres maláricas que os reformadores adoram dignificar com o nome de "sentimentos morais".

A LUTA DE CLASSES

Um terceiro ponto nevrálgico do socialismo para distinguir a reforma da revolução é sua postura viril e agressiva.

As leis que regem a sociologia seguem linhas paralelas e são as contrapartes exatas daquelas que a ciência natural estabeleceu na biologia.

DANIEL DE LEON

Em primeiro lugar, a figura central da biologia é a espécie, não o espécime individual. Na sociologia, as classes econômicas tomam o lugar das espécies na biologia. Consequentemente, essa é a figura central no campo da sociologia que corresponde e representa a espécie no campo da biologia.

Em segundo lugar, luta, e não paz; assimilação pelo processo implacável de expulsão de todos os elementos que não são adequados para assimilação, e não coalizão externa - essas são as leis do crescimento na biologia, e essas são e precisam ser as leis do crescimento na sociologia.

Portanto, o socialismo reconhece na sociedade moderna a existência de uma luta de classes, e a linha que divide os combatentes é a linha econômica que separa os interesses da classe capitalista detentora de propriedade dos interesses da classe sem propriedade do proletariado. Como resultado final disso, o socialismo, com o nazareno, rejeita como fútil, se não perverso, o método de cajolagem e sedução, ou o grito de "Paz, paz, onde não há paz", e corta um caminho limpo, enquanto a reforma está eternamente enredada em seu curso de charme, atração e engodo.

ILUSTRAÇÕES

Vou dar agora algumas ilustrações específicas - baseadas nesse esboço geral - que podem ajudar a apontar com mais clareza as diferenças acentuadas entre reforma e revolução e o grave perigo que existe em confundir as duas.

Lembram-se de que me referi ao fato de que as mudanças internas, ou seja, revolucionárias, são sempre acompanhadas de mudanças externas de algum tipo, e que aí estava uma armadilha na qual a reforma invariavelmente caía, na medida em que a reforma habitualmente se satisfaz com as externas, permitindo-se ser enganada pelas aparências. Por exemplo:

A revolução socialista exige, entre outras coisas, a propriedade pública de todos os meios de transporte. Mas, em si, a questão da propriedade afeta apenas formas externas: Os Correios são propriedade comum do povo e, no entanto, os verdadeiros trabalhadores desse departamento são meros escravos assalariados. Na boca do socialista, do revolucionário, o fato interno, a verdade fundamental, aquilo pelo qual lutamos e que tem direito a tudo o que pudermos oferecer, é a abolição do sistema de escravidão salarial sob o qual o proletariado está trabalhando. Agora, surgem os populistas - os enganadores, não os enganados entre eles - com um plano para nacionalizar as ferrovias. O ponto de vista a partir do qual eles procedem é o dos interesses da classe média contra os interesses dos capitalistas ou monopolistas superiores. Os monopolistas das ferrovias estão agora roubando a classe média; eles querem virar o jogo contra seus exploradores; querem aboli-los, acabar com eles e se apropriar dos roubos da classe trabalhadora que os monopolistas das ferrovias agora monopolizam. Com esse interesse de classe reacionário em mente, o duper-populista dá um passo à frente e usa essa linguagem plausível:

"Nós também queremos a nacionalização das estradas; estamos seguindo seu caminho; junte-se a nós!"

Os reformistas são regularmente enganados por essa aparente verdade; são levados de roldão e arrastados de ponta-cabeça para o vórtice dos conflitos capitalistas. Não é o caso do revolucionário. Sua resposta é nítida e clara:

"Desculpe-me! Acho que vocês querem nacionalizar as ferrovias, mas apenas como uma reforma; nós queremos a nacionalização como uma revolução. Vocês não propõem, enquanto nós estamos decididos a aliviar os trabalhadores ferroviários do jugo da escravidão salarial sob a qual eles agora grunhem e suam. Com seu esquema de nacionalização, vocês não propõem, pelo contrário, se opõem a qualquer alívio para os trabalhadores, e têm colocado cães nos calcanhares de nossos propagandistas no Condado de Chautauqua, N.Y., sempre que foi proposta a redução das horas de trabalho dos funcionários."

Enquanto nós, os revolucionários, buscamos a emancipação da classe trabalhadora e a abolição de toda exploração, o duper-populismo busca prender as correntes da escravidão assalariada com mais firmeza ao proletariado. Não há explorador como o explorador da classe média. Carnegie pode roubar de seus trabalhadores - ele tem 20.000 deles - apenas 50 centavos de dólar por dia e, ainda assim, obter, do nascer ao pôr do sol, um lucro de 10.000 dólares; o banqueiro com muito dinheiro para emprestar pode prosperar com um corte insignificante de cada nota individual; mas a mulher da maçã na esquina da rua precisa obter um lucro de 100 a 500% para existir. Pela mesma razão, a classe média, a empregadora de poucas mãos, é a pior, a mais amarga, a mais inveterada, a mais implacável exploradora do escravo assalariado. Agora você pode perceber o grave erro em que incorrerá o homem que ficar satisfeito com a aparência externa. A reforma é invariavelmente uma pata de gato para os exploradores; a revolução, nunca.

Vejamos agora uma ilustração do princípio revolucionário de que o plano material em que o homem se encontra determina sua percepção de moralidade. Um homem escreve para o escritório do *The People*: "Você fala sobre a imoralidade do capitalismo, não sabe que foi imoral desmonetizar a prata?" Outro escreve: "Que estranho ouvi-lo falar sobre imoralidade; você não sabe que é um tipo de imoralidade ter uma tarifa protetora?" Ele quer o livre comércio. Um terceiro escreve: "Oh, senhor, admiro o sentimento moral que o inspira, mas como pode fazer piada com a proibição? Você não sabe que se um homem estiver bêbado, ele baterá em sua esposa e matará seus filhos?" E assim por diante. Cada um deles analisa a moralidade do ponto de vista de seus interesses individuais ou de classe: O homem que possui uma mina de prata considera o cúmulo da imoralidade desmonetizar a prata. O importador que pode ser beneficiado pelo livre comércio considera um crime hediondo contra os bons costumes estabelecer uma tarifa alta. O homem cujos escravos assalariados chegam às segundas-feiras um tanto alcoolizados, de modo que ele não consegue extrair deles tanta riqueza quanto gostaria, torna-se um proibicionista pietista.

Um de nossos grandes homens, um homem realmente grande, um homem que considero uma glória para os Estados Unidos - Artemus Ward - com seu genuíno, e não falso, olho ianque aguçado, e com sua caneta magistral, ilustrou de forma excelente essa verdade científica com uma de suas histórias. Ele afirmava, como vocês sabem, que viajava pelo país com uma coleção de figuras de cera representando os grandes homens e criminosos da época. Em uma ocasião, ele estava no Maine. Naquela época, um garotinho,

Wilkins, havia matado seu tio. Naturalmente, a ocorrência causou grande sensação, e Artemus Ward nos conta que, de olho na chance principal, montou uma figura de cera que exibiu como Wilkins, o menino assassino. Alguns anos mais tarde, quando estava novamente no mesmo vilarejo do Maine, ocorreu-lhe que o menino Wilkins havia sido uma grande atração no local. Ele procurou entre suas figuras, não encontrou nenhuma pequena o suficiente para representar um menino e pegou a figura de cera com a qual costumava representar o Capitão Kidd, rotulou-a de "Wilkins, o menino assassino" e abriu seu estande. As pessoas se aglomeraram, pagaram seus 15 centavos de entrada e Artemus começou a explicar suas figuras. Quando chegou ao "Menino Assassino" e estava discorrendo sobre a maldade do rapaz, um homem da plateia se levantou e, com uma voz rouca e nasalada, comentou "Como é isso? Há três anos, o senhor nos mostrou o menino Wilkins, que era um menino na época e morreu depois disso; como ele pode ser um homem grande agora?" Em seguida, Artemus disse: "E u estava com raiva do patife e deveria tê-lo denunciado e prendido por traição à bandeira".

Com a mão magistral do gênio, Artemus expôs aqui as bases materiais do "patriotismo" capitalista e apontou a conexão entre os dois. O plano material, no qual o showman fraudulento se encontrava, determinava seu impulso moral ao patriotismo.

Quanto mais elevado for o plano econômico em que uma classe se encontra e quanto mais sólida for sua compreensão das condições materiais, mais amplo será seu horizonte e, conseqüentemente, mais pura e verdadeira será sua moralidade. É por isso que, hoje, a visão moral mais elevada e a mais verdadeira é encontrada no campo do proletariado revolucionário. Por isso, também, vocês perceberão o perigo do grito moral que não anda de mãos dadas com o conhecimento sólido. A moralidade da reforma é a coruscação do ignis fatuus; a moralidade da revolução é iluminada pela luz firme da ciência.

Veja outra ilustração, dessa vez sobre a postura beligerante do socialismo, para distinguir reforma de revolução.

As lutas que marcam os movimentos do homem sempre se originaram dos interesses materiais, não de indivíduos, mas de classes. Os interesses da classe de cima, quando podres e maduros para serem derrubados, sucumbiram, quando sucumbiram, a nada menos que os interesses da classe de baixo. Indivíduos da primeira classe frequentemente assumiam um papel de liderança e de valor inestimável ao lado da segunda, e indivíduos da segunda regularmente desempenhavam o papel de traidores da civilização ao se aliarem à primeira, como fez, por exemplo, o filho do venerável Franklin quando se aliou aos britânicos. No entanto, em ambos os casos, os combatentes se posicionaram em plataformas que representavam interesses de classes opostas. As revoluções triunfaram, sempre que triunfaram, ao se afirmarem e marcharem diretamente para seu objetivo. Por outro lado, o destino de Wat Tyler é sempre o destino da reforma. Os rebeldes, nesse caso, foram fracos o suficiente para se deixarem enganar e colocar seu movimento nas mãos de Ricardo II, que prometeu "alívio" - e o trouxe marchando com os homens para a força.

REFORMA OU REVOLUÇÃO

Você perceberá o perigo que correm os movimentos que - em vez de não aceitarem nenhuma liderança, exceto aquela que está diretamente baseada em suas próprias demandas - se contentam e confiam em "promessas de alívio". A revolução, portanto, se sustenta em sua própria base, por isso não pode ser derrubada; a reforma se apóia em outros, por isso sua queda é certa. De todas as épocas revolucionárias, a atual é a que traça a linha mais nítida entre os interesses conflitantes de classe. Portanto, as organizações da revolução de nossa geração devem ser as mais intransigentes de todas as que já apareceram no palco da história. O programa dessa revolução não consiste em um único detalhe. Ele exige a rendição incondicional do sistema capitalista e de seu sistema de escravidão assalariada; a extinção total do domínio de classe é seu objetivo. Nada menos do que isso - seja como um primeiro passo, um passo temporário ou qualquer outro tipo de passo - pode, nesta data tardia, receber reconhecimento no campo da revolução moderna.

Foi com base nessas linhas que nos organizamos em Nova York e no Brooklyn e progredimos; foi com base nessas linhas que conquistamos o respeito do inimigo. E eu lhes digo: Vão e façam o mesmo.

O REFORMADOR - O REVOLUCIONÁRIO

E agora vamos ao que é, de certa forma, o mais importante, certamente o mais delicado, de todas as várias subdivisões deste discurso. Sabemos que os movimentos fazem os homens, mas os homens fazem os movimentos. Os movimentos não podem existir a menos que sejam realizados por homens; em última análise, são a mão e o cérebro humanos que servem como instrumentos de

revoluções. Como o revolucionário deve ser conhecido? Quais são as marcas do reformador? Em Nova York, um reformador não pode se aproximar de nós, mas nós podemos dizer a ele. Nós o conhecemos; já o experimentamos; sabemos o mal que ele pode fazer; e ele não pode entrar em nossas fileiras se pudermos evitar. Ele deve organizar uma organização de oposição e, assim, cumprir a única boa missão que ele tem no esquema da natureza - tirar do meio de nós quaisquer reformadores que possam estar escondidos lá.

Mas talvez você ainda não esteja familiarizado com o corte do jib do reformador. Talvez não conheçam as marcas externas do revolucionário. Deixe-me mencioná-las.

O revolucionário moderno, ou seja, o socialista, deve, em primeiro lugar, por causa do esboço que apresentei a vocês sobre o desenvolvimento do Estado, necessariamente trabalhar em organização, com tudo o que isso implica. Em Aqui está a primeira característica que distingue o revolucionário do reformador; o reformador rejeita a organização; seu símbolo é "Cinco dedos doloridos em uma mão" - muito distantes um do outro.

O revolucionário moderno sabe muito bem que o homem não é superior ao princípio, que o princípio é superior ao homem, mas ele não se precipita com a máxima e, assim, transforma a máxima em um absurdo. Ele associa firmemente a máxima a esta outra: nenhum princípio é superior ao movimento ou organização que o coloca e o sustenta no campo. O engenheiro sabe que o vapor é algo poderoso, mas também sabe que, a menos que o vapor esteja na caldeira, e a menos que haja um conhecimento

Se o operador não mantiver a mão no acelerador, o vapor evaporará ou a caldeira explodirá. Por isso, você nunca ouvirá um engenheiro dizer: "O vapor é a coisa certa" e depois chutar a locomotiva para fora dos trilhos. Da mesma forma, o revolucionário reconhece que a organização que é impulsionada por princípios corretos é como a caldeira que deve conter o vapor, ou o vapor não servirá para nada. Ele sabe que, na revolução exigida por nossa época, a organização deve ser a encarnação do princípio. Ao contrário do antigo, que sempre será visto zombando da ciência, o revolucionário não fará distinção entre a organização e o princípio. Ele dirá: "O princípio e a organização são um só."

Um juiz do Oeste, em certa ocasião, teve de lidar com um advogado briguento que estava defendendo um ladrão - você sabe o que é um ladrão - e tomou uma decisão extremamente sábia. O prisioneiro foi acusado de ter enfiado a mão e o braço em uma janela e roubado algo, fosse o que fosse. O juiz sentenciou o homem à penitenciária. Disse o advogado: "Eu me oponho; o homem não quebrou a janela inteira; foi apenas o braço". "Bem", disse o juiz, "vou condenar o braço; deixe-o fazer o que quiser com o corpo". Como o homem e seu braço eram certamente uma coisa só, e como o homem não queria arrancar o braço de seu encaixe e separá-lo do corpo, ele foi tranquilamente para a penitenciária e espero que ainda esteja lá para servir como uma advertência permanente contra a "ciência da reforma".

Mais uma vez, o revolucionário moderno sabe que, para obter resultados ou promover princípios, é preciso haver unidade de ação. Ele sabe que, se não formos em um só grupo e nos unirmos, estaremos fadados a nos separar. Portanto, você sempre verá o revolucionário se submeter à vontade da maioria; você sempre o verá pronto para obedecer; ele reconhece que a obediência é o distintivo do homem civilizado. O selvagem não conhece a palavra. A palavra "obediência" não existe no vocabulário de nenhum idioma até que seu povo tenha ultrapassado o estágio da selvageria. Por isso, também, você nunca verá o revolucionário se colocando acima da organização. A conduta oposta é uma marca inconfundível dos reformadores.

O revolucionário reconhece que o maquinário e os métodos de produção atuais impossibilitam - e é bem verdade que impossibilitam - a liberdade individual do homem tal como nossos ancestrais selvagens a conheciam; que, hoje, a mais alta liberdade individual deve andar de mãos dadas com a liberdade coletiva; e nada disso é possível sem uma autoridade central de direção. Ao se posicionar nesse alto plano de civilização que dá vigor, o revolucionário é viril e autoconfiante, em contraste marcante com o reformador mentalmente doente e, portanto, desconfiado. Por isso, o grito de "Bossismo!" está tão ausente dos lábios do revolucionário quanto está presente nos do reformador.

Outra marca importante do revolucionário, que tem paralelo com a marca oposta do reformador, é a consistência, ou seja, a moralidade, do primeiro, e a inconsistência, ou seja, a imoralidade, do segundo. Como o revolucionário procede com base em fatos, ele é verdadeiro e seu curso é firme; por outro lado, o reformador sempre será encontrado prevaricando e em perpétua contradição consigo mesmo. O reformista, por exemplo, está sempre

O reformador está sempre se vangloriando da "tirania" e, no entanto, observe-o; dê-lhe corda suficiente e você sempre o verá se esforçando para ser o homem mais importante do grupo, o homem a cavalo, o autocrata, cujo capricho será a lei. O reformador está sempre se gabando da "moralidade", mas dê-lhe uma chance e você o pegará sempre cometendo os atos mais imorais, como, por exemplo, julgando casos em que ele próprio é um particeps criminis, ou apoiando e lucrando com tais atos. A boca do reformador está sempre cheia com as palavras "liberdade individual", mas em todo o catálogo de desafiadore da liberdade individual, o reformador compete com os mais avançados.

Por fim, você verá que o reformador sempre sai pela tangente, enquanto o revolucionário se atém ao ponto. O reformador disperso é governado por uma força centrífuga, enquanto o revolucionário é governado por uma força centrípeta. Alguém disse com propriedade que, nos movimentos sociais, um princípio maligno é como um escorpião; ele carrega o veneno que o matará. O mesmo acontece com os reformadores; eles carregam o veneno da desintegração que os divide em dois e um e, assim, os priva, no final, de todo o poder para causar danos; enquanto o poder do revolucionário para alcançar resultados cresce com a força acumulada que sua postura lhe assegura.

As linhas sobre as quais nos organizamos em Nova York e no Brooklyn são, portanto, diretamente opostas às dos reformadores. Reconhecemos a necessidade de organização, com tudo o que isso implica - de uma organização cuja base científica e postura intransigente inspirem respeito no inimigo e confiança naqueles que estão conosco. Essa é a condição sine qua non para o sucesso.

Aqui, permita-me divagar por um momento. Lembrem-se de onde eu parei para que possamos voltar com mais facilidade.

Você já parou para pensar por que neste país, onde as oportunidades são infinitamente superiores, o movimento da classe trabalhadora está tão atrasado, enquanto na Europa, apesar das desvantagens, ele está tão à nossa frente? Vou lhe contar.¹

O TRABALHO DOS CHARLATÃES

Em primeiro lugar, as tábuas das mentes de nossa classe trabalhadora são

¹Victor Funke, editor do *Arbetaran*, que concluiu a tradução desse discurso para o sueco em 1903, sugeriu que a seguinte nota fosse acrescentada, e De Leon endossou a sugestão com entusiasmo:

"Faz sete anos que esse discurso foi feito, e agora é necessária uma modificação considerável dessa visão sobre o movimento socialista da Europa e sua relação com o da América. Naquela época, a social-democracia europeia já havia tomado medidas táticas falsas e só em teoria parecia ser um movimento trabalhista revolucionário totalmente sólido; na prática, já havia se desviado para o caminho que, quatro anos depois, recebeu o nome de "novas tendências dentro da social-democracia". Lassalle, Marx, Engels, Liebknecht e outros que realmente "beberam profundamente na fonte da ciência" estão mortos, e os sobreviventes que fizeram o mesmo romperam abertamente com a social-democracia das "novas tendências", como aconteceu na França. Pode-se prever com segurança que uma ruptura está fadada a ocorrer na Europa, a não ser que se permita que o socialismo revolucionário se limite a uma mera reforma radical antimonárquica, anticlerical, antimilitar e antitaxação."

DANIEL DE LEON

rabiscado por todos os charlatões que se soltaram. Na Europa, de uma forma ou de outra, os homens capazes de falar respeitavam e respeitam a si mesmos muito mais do que a maioria de nossos oradores públicos o faz aqui. Eles estudavam primeiro; primeiro bebiam profundamente na fonte da ciência; e só quando sentiam os pés firmemente plantados no leito rochoso dos fatos e da razão é que se apresentavam às massas. Assim, acontece que as tábuas das mentes das classes trabalhadoras européias, especialmente as continentais, têm linhas traçadas nelas pelas mãos mestras das eras. Assim, cada novo movimento que se sucedeu, trazido pelas marés do tempo, teve seu trabalho facilitado. Mas aqui, um charlatão após o outro, que podia falar com elegância e que podia obter dinheiro deste, daquele ou de outro partido político, ia para o meio do povo e rabiscava seu texto rudimentar nas tábuas das mentes das classes trabalhadoras. Assim, acontece que hoje, quando o apóstolo do socialismo se apresenta ao nosso povo, ele não pode fazer o que seus colegas na Europa fazem, pegar um lápis e desenhar nas mentes de seus ouvintes as letras da ciência; não, ele deve primeiro pegar uma esponja, uma esponja robusta, e limpar os buracos que os charlatões deixaram lá. Somente depois de fazer isso é que ele poderá começar a pregar e ensinar com sucesso.

MOVIMENTOS FALSOS

Então, novamente, com esse mal da má educação, a classe trabalhadora deste país sofre de outro. Os charlatões, um após o outro, criaram movimentos que se baseavam em linhas de ignorância; movimentos que negavam fatos científicos; movimentos que geravam esperanças no coração das pessoas; no entanto, movimentos que tiveram de entrar em colapso. Um movimento deve ser perfeitamente sólido e cientificamente fundamentado, caso contrário não poderá se manter. Um movimento com base falsa é como uma mentira, e uma mentira não pode sobreviver. Todos esses movimentos falsos foram d e s t r u í d o s , e qual foi o resultado? Decepção, estagnação, desconfiança e desesperança nas massas.

K DEL

Os Cavaleiros do Trabalho, que Uriah Stephens pretendia, como ele mesmo admitiu, que fossem criados com base nos princípios científicos do socialismo - princípios que não são encontrados hoje em nenhuma organização central ou nacional de trabalhadores fora da Aliança Socialista de Comércio e Trabalho - afundaram na lama. Uriah Stephens foi deixado de lado; ignorantes tomaram conta da organização; um milhão e meio de homens entraram nela, esperando salvação; mas, em vez de salvação, saíram dos véus das Assembleias Locais, Distritais e Gerais do KFL os ignorantes desenvolvidos, ou seja, os falsificadores do trabalho, que montaram o trabalhador e o venderam ao explorador. Decepcionadas, as massas caíram fora.

AF DEL

Em seguida, surgiu outra preocupação maravilhosa, outra idiossincrasia - a Federação Americana do Trabalho, apropriadamente chamada por seus inúmeros organizadores ingleses de Federação Americana do Inferno. Os ignorantes novamente assumiram o controle e a liderança. Eles não conseguiram buscar abaixo da

REFORMA OU REVOLUÇÃO

Como verdadeiras musas ignorantes, eles flutuaram sobre a superfície para descobrir a causa do fracasso do K de L. Viram na superfície uma concentração excessiva de poder no K de L e passaram para o outro extremo - construíram uma tênia. Eles viram na superfície uma concentração excessiva de poder no K de L e foram para o outro extremo - construíram uma tênia. Eu a chamo de tênia, porque uma tênia não é um organismo; é um agregado de elos sem nenhum poder coesivo digno de menção. O destino do K de L superou o da AF de L. Causas semelhantes levaram a resultados semelhantes, fundações falsas levaram à ruína e ao fracasso. Greves e mais greves se mostraram desastrosas em todas as indústrias concentradas; os salários e o padrão de vida da classe trabalhadora em geral caíram; os desempregados se multiplicaram; e, mais uma vez, os líderes ignorantes natural e inevitavelmente se transformaram em falsificadores de mão de obra aprovados; os trabalhadores se viram baleados, espancados, indiciados, presos pelos mesmos presidentes, governadores, prefeitos, juízes, etc. - republicanos e democratas - que seus líderes equivocados os induziram corruptamente a apoiar.

Hoje em dia, não existe mais nenhuma AF de L, nem mesmo a tênia. Se você fizer as contas, verá que, se os 250.000 membros que ela alega pagassem as anuidades regularmente a cada trimestre, ela deveria ter um fundo quatro vezes maior do que o informado. O fato é que as anuidades são pagas apenas no último trimestre; os falsificadores cuidam disso para que possam participar da reunião anual - agora chamada de "Convenção da AF of L" - e fazer propaganda para os políticos. Isso é tudo o que resta dela. É um navio que nunca esteve em condições de navegar, mas que agora está encalhado e capturado por um punhado de piratas; uma tênia despedaçada, desprezada pela base do proletariado americano. Sua carreira apenas encheu ainda mais a medida de desapontamento, desconfiança e desamparo dos trabalhadores.

IMPOSTO ÚNICO

O movimento de Henry George foi outro desses booms charlatães que, no final, só ajudaram a desanimar ainda mais as pessoas. O "imposto único", com seu raciocínio meio antiquado e meio idiota, entrou em campo. Novamente, grandes expectativas foram criadas em todo o país - por um tempo. Novamente, uma mentira semieconômica provou ser um caniço quebrado para se apoiar. Humpty Dumpty caiu, e todos os cavalos do rei e todos os homens do rei não puderam mais montar Humpty Dumpty novamente. Assim, o volume de desinteresse e desconfiança popular recebeu mais uma contribuição.

POPULISMO

Mais recentemente, surgiu o movimento People's Party. Oh, como ele falava bem! Ele ia emancipar os trabalhadores. Não foi o que disse em seu preâmbulo, por mais reacionária que fosse sua plataforma? Se o blefe e a bajulação pudessem salvar um movimento, o People's Party teria sido imperecível. Mas ele subiu como um foguete e agora está caindo rapidamente. No Estado de Nova York, ele se colocou contra nós quando já tínhamos 14.000 votos e uma posição oficial. Ele ia nos dar uma lição de "política americana prática" aos "sonhadores". Bem, seus votos nunca alcançaram os nossos e, em novembro passado, quando chegamos a 21.000 votos, ele caiu para apenas 5.000 e perdeu sua posição oficial como partido no estado,

DANIEL DE LEON

e, no que diz respeito a Nova York e Brooklyn, nós simplesmente passamos a perna neles.

Esses falsos movimentos, e muitas outras circunstâncias semelhantes que eu poderia mencionar, confundiram o julgamento de nosso povo, enfraqueceram a fonte de sua esperança e diminuíram sua coragem. Daí a apatia popular existente em meio à miséria popular; daí o desânimo apesar das oportunidades inigualáveis de reparação; daí o atraso do movimento aqui quando comparado com o da Europa.

Voltando agora ao ponto em que parei. O Partido Socialista Trabalhista não pode, em nosso país, cumprir sua missão - aqui menos do que em qualquer outro lugar - sem tomar uma posição, cuja solidez científica torna o crescimento certo, o fracasso impossível e, sem sua firmeza disciplinar, conquista para si a confiança irrestrita das massas, agora ansiosas, tanto em sua integridade de propósito quanto em sua capacidade de impor a ordem. É somente assim que podemos esperar reacender a centelha de masculinidade e feminilidade, agora pouco acesa, em nossa classe trabalhadora americana e reconquistar o Espírito de 76.

O SLPO CABEÇALHO DA COLUNA

Sabemos muito bem que a raça ou classe que não é viril o suficiente para dar um golpe inteligente por si mesma não está apta para a emancipação. Se emancipada por outros, ela precisará de apoio constante ou entrará em colapso como um prato. Embora isso seja verdade, o outro aspecto também é verdadeiro: Em todos os movimentos revolucionários, assim como no assalto a fortalezas, o resultado depende do líder da coluna - daquela minoria que é tão intensa em suas convicções, tão bem fundamentada em seus princípios, tão determinada em sua ação, que leva as massas consigo, invade as muralhas e captura o forte. Esse chefe de coluna deve ser nossa organização socialista para toda a coluna do proletariado americano.

Mais uma vez, nossa história americana fornece uma ilustração impressionante. Quando Pizarro desembarcou na encosta ocidental dos Andes, ele tinha consigo cerca de 115 homens. Além das montanhas havia um império - o império mais bem organizado dos aborígenes encontrado na América. Ele tinha seus departamentos, suas classes, era administrado como um só corpo, com centenas de milhares de pessoas contra as centenas dos espanhóis. Esse grupo, o pequeno exército de homens determinados, deveria capturar. O que Pizarro fez? Será que ele dizer: "Vamos esperar até conseguirmos mais"? Ou ele disse: "Agora, rapazes, preciso de cada um de vocês, 115 homens"? Não, ele disse a eles: "Bravos homens da Espanha, ali está um império que é uma delícia de se viver; cheio de ouro, cheio de riqueza, cheio de pagãos que devemos converter. Eles são como as areias do mar, comparados a nós, e estão entrincheirados atrás de suas fortalezas nas montanhas. É necessário que os mais firmes entre vocês assumam a conquista. Se alguém, devido às dificuldades da viagem, se sentir incapaz de enfrentar as dificuldades do empreendimento, não o considerarei covarde; deixe-o recuar para proteger nossos navios. Que fiquem comigo apenas aqueles que estão determinados a lutar e que estão determinados a conquistar". Cerca de 20 homens se afastaram, cerca de 95 permaneceram; com 95 homens determinados, ele escalou aquelas montanhas e conquistou aquele

império.

Esse império dos incas é hoje o capitalismo, tanto em termos de sua própria fraqueza inerente quanto da força de sua posição. O exército que deve conquistá-lo é o exército do proletariado, cuja cabeça de coluna deve consistir na intrépida organização socialista que conquistou seu amor, seu respeito e sua confiança.

O que estamos vendo hoje? Em cada eleição recente, o país me faz lembrar de uma jarra de água - vire a jarra e toda a água sairá. Em uma eleição, todos os votos dos democratas saem e vão para os republicanos; no ano seguinte, todos os votos dos republicanos saem e vão para os democratas. Os trabalhadores estão indo para trás e para frente; estão insatisfeitos; perderam a confiança nos partidos existentes que conhecem e estão buscando desesperadamente o partido de sua classe. Em uma época como essa, é dever de nós, revolucionários, nos comportarmos de forma a fazer com que nossa organização seja cada vez mais conhecida, que seus princípios sejam cada vez mais claramente compreendidos, que sua integridade e firmeza sejam cada vez mais respeitadas e confiadas. No colapso que certamente virá e que está agora bem à nossa frente, nossa organização socialista inabalável será a única a se destacar intacta sobre as ruínas; haverá então uma debandada para nosso partido - mas somente em linhas revolucionárias ele poderá conseguir isso; em linhas reformistas ele nunca poderá ser vitorioso.

Como o presidente disse que haveria tempo para perguntas, encerrarei por aqui, mas não antes de - perdoe-me a suposição - não antes de conclamá-lo, em nome dos 6.000 socialistas revolucionários e "perversos" de Nova York e Brooklyn, a se organizar aqui em Boston, com base em um plano genuinamente revolucionário. Seu estado é um grande produtor

Não há razão para que seu voto não cresça, exceto pelo fato de que, de uma forma ou de outra, vocês não agiram como revolucionários. Cada ano que passa dessa forma é um ano desperdiçado. Nunca se esqueçam de que cada incidente que ocorre em suas fileiras, em nossas fileiras, é notado por um grande número de trabalhadores do lado de fora. Se você adulterar a disciplina, permitir que este membro faça o que quiser, que aquele membro dê um tapa na cara da Constituição do partido, que aquele membro se una aos reformistas, que aquele outro esqueça a natureza da luta de classes e aja de acordo com esse esquecimento - permita isso, mantenha esses "reformistas" em suas fileiras e você terá apunhalado o movimento em seus pontos vitais. Sem malícia para com ninguém, com caridade para com todos, você deve impor disciplina se quiser se reorganizar com um propósito. Sabemos que, em lutas desse tipo, os sentimentos pessoais, infelizmente, desempenham um papel; você não pode evitar isso; deixe que o outro lado, o reformador, desempenhe o papel de malícia que seu intelecto fraco o leva a desempenhar; você desempenha o papel de revolucionário de articulações quadradas - e se tiver que haver amputação, faça-a com nobreza, mas com firmeza. Lembre-se do ditado que diz que o cirurgião de mão macia faz feridas dolorosas e prolonga o período de sofrimento e dor. O cirurgião que tem a mão firme para empurrar a faca tão fundo quanto necessário, puxá-la e deixar o pus sair, esse cirurgião faz feridas limpas, diminui a dor e traz a cura rapidamente.

Nenhuma organização inspirará as massas externas com respeito que

DANIEL DE LEON

não insistir e impor a disciplina em suas próprias fileiras. Se você permitir que seus próprios membros brinquem com o partido, os observadores, que pertencem a esse campo, acreditarão, com razão, que em algum momento crítico você permitirá que o capitalismo brinque com você; eles não o respeitarão, e a adesão deles às suas fileiras será atrasada.

Não há, de fato, nenhuma razão social ou econômica para que o voto de Boston não seja um dos pilares do nosso movimento. E, no entanto, esse voto é fraco e está praticamente parado, enquanto em Nova York e no Brooklyn ele está, de modo geral, avançando a passos largos. Se você compreende a importância da construção revolucionária de nosso exército; se você compreende a situação do país - que há um maremoto popular a caminho; que, para trazê-lo em nossa direção e torná-lo eficaz, devemos ser merecedores dele, enquanto que, se não formos, a onda recuará com resultados desastrosos; Se vocês compreenderem corretamente o fato de que cada ano que passa sobre nossas cabeças traz para nossas vidas um perigo maior, joga um fardo mais pesado sobre os ombros de nossas esposas, torna mais sombrias as perspectivas de nossos filhos, expõe ainda mais a honra de nossas filhas - se vocês compreenderem isso, então, para o bem deles, para o bem de nosso país, para o bem dos proletários de Boston, organizem-se de acordo com o plano de Nova York e Brooklyn.

PERGUNTAS

Sr. Dooling - Gostaria de perguntar o que está sendo proposto para substituir os salários? Como os homens serão sustentados quando os salários forem eliminados? A resposta a essa pergunta dependerá em grande parte do fato de a classe média apoiar o socialismo.

O Orador - Tenho que discordar do senhor quando diz que a classe média será trazida para esse movimento por qualquer informação sobre o que será substituído por salários. A classe média terá de ser vendida em leilão pelo xerife. Só isso já a esclarecerá como classe. Quando ela tiver perdido sua propriedade, por meio da qual está agora esfolando alguns demônios infelizes, e seus membros tiverem se tornado escravos assalariados, então ela verá a que se resume toda essa questão de salários e o que deveria "substituir os salários".

Entretanto, as pessoas da classe média podem ser inteligentes o suficiente para estudar a questão e, dessa forma, aprender, antes de se tornarem escravos assalariados, o segredo da questão salarial.

Agora, o que são salários? O salário é a parte do produto do trabalho que o capitalista paga ao trabalhador com os rendimentos dos produtos do próprio trabalhador. Digamos que um trabalhador produza US\$ 4 por dia e que lhe seja pago US\$ 1 por seu trabalho. Esse US\$ 1 é retirado da riqueza que ele mesmo produz e é gentilmente devolvido a ele pelo capitalista, que embolsa os outros US\$ 3. Essa é uma característica dos salários.

Outra é que os salários são o preço da mão de obra no mercado de trabalho e que, no mercado de trabalho, a mão de obra está no mesmo patamar de qualquer outra mercadoria; ela é regida pela lei da oferta e da demanda; seu preço, assim como o de qualquer outra coisa - alfinetes de cabelo, sapatos ou roupas descartadas - é determinado pela lei da oferta e da demanda; quanto mais houver

esses, mais barato será o preço. O mesmo acontece com a mão de obra. No sistema capitalista, a mão de obra é uma mercadoria no mercado. ¹ O trabalhador deve vender sua mão de obra, pela qual é pago com o chamado salário, ao preço de mercado. Se a oferta de mão de obra for muito maior do que a demanda, então, em vez de receber um dólar dos quatro que produz na ilustração acima, ele poderá receber apenas 95 centavos; se a demanda por mão de obra cair ainda mais, ele poderá receber 90 centavos como preço de sua mão de obra; e se cair ainda mais abaixo da oferta, o preço da mão de obra, ou seja, os salários, cairá ainda mais. O preço da mão de obra pode cair para um nível não sei quão baixo.

Alguns de vocês podem dizer que o trabalhador precisa viver e que há um limite. Não, não há limite. O único limite que existe é um limite para a rapidez do declínio. Os salários não podem cair de cem centavos para 10 centavos, mas podem cair em gradações fáceis até mesmo abaixo de 10 centavos.

Temos, por exemplo, a história sobre os chineses de que em alguns lugares eles vivem apenas dos ratos que pegam; que em outros lugares, como seus estômagos foram ainda mais apertados, eles vivem das caudas dos ratos que outros comeram; e que em outros lugares ainda há chineses que vivem do cheiro da cauda dos ratos. Isso pode soar como uma piada, mas há mais verdade do que poesia nisso.

Na história da França, temos o relato de que grandes massas da população viviam, no século 18, durante o antigo regime, de ervas, cujo preço para o ano inteiro não chegava a 5 francos. O estômago humano é como uma bola de borracha da Índia; você pode apertá-lo, apertá-lo e apertá-lo, e você pode raspar e cortar as necessidades do trabalhador até que suas necessidades sejam apenas as da besta.

Os salários, portanto, são a parte do produto do trabalho que o capitalista permite que o trabalhador mantenha e que o capitalista não rouba, juntamente com as outras três partes.

Agora, então, pela mesma razão de que os salários são o que eu disse, não pode haver, no socialismo, nenhum "salário", porque, de acordo com minha ilustração anterior, no socialismo o trabalhador deve receber todos os quatro dólares que ele produz.

Quais são as coisas que obrigam o trabalhador de hoje a receber salários?

Primeiro: a classe capitalista possui todas as coisas necessárias para produzir; ela possui a terra, as ferrovias e o maquinário para trabalhar. A classe trabalhadora não possui nenhuma dessas necessidades, todas as quais ela precisa usar para trabalhar; portanto, ela precisa se vender.

Segundo - A razão pela qual o trabalhador assalariado precisa suportar um retorno tão baixo é que, nesse sistema, ele não é tratado como um ser humano, apesar do cristianismo dizer o contrário. Os capitalistas são canibais refinados; eles olham para o trabalhador como se fosse um cavalo; na verdade, como se fosse algo pior; eles cuidam de um cavalo, mas deixam o

¹Em termos estritos, não é o *trabalho* que é uma mercadoria, mas a *força de trabalho*, a capacidade de trabalhar. É a força de trabalho que o trabalhador vende e que tem um preço.

os trabalhadores morrem. A mão de obra é barata e é tratada dessa forma no capitalismo. No socialismo, que se encontra em um plano científico elevado, vemos uma moralidade mais elevada. Vemos que o trabalho não deve ser tratado como um bem de consumo; não deve ser tratado como uma mercadoria; não deve ser tratado como sapatos, batatas, grampos de cabelo e roupas descartáveis, mas como um ser humano capaz do mais alto desenvolvimento intelectual. Ao tratá-lo dessa forma, o trabalhador assalariado de hoje se torna um coproprietário do maquinário de produção e, sendo coproprietário do maquinário de produção, ele obtém o retorno total de seu trabalho; ele se liberta dos grilhões que o obrigam a aceitar salários; ele se torna o chefe da máquina, enquanto hoje é seu apêndice.

No socialismo, não precisamos de insetos da batata, como diz um amigo, para cultivar batatas. Algumas pessoas acham que a classe dos trabalhadores assalariados precisa carregar o capitalista nas costas. É o mesmo que dizer que é preciso ter insetos da batata, ou você não terá nenhuma batata. Se você remover os insetos da batata, terá mais batatas; remova a classe capitalista e você terá todo o seu produto; não haverá nenhum inseto da batata, ou seja, capitalista, para absorver a maior parte do seu produto.

John F. O'Sullivan, presidente do Boston Central Labor Union - Gostaria de perguntar ao orador se os US\$ 4, conforme a ilustração, dados ao trabalhador - em outras palavras, se ele receber o produto total de seu trabalho - não seriam salários da mesma forma?

O Orador - Se o senhor decidir chamar a água de Paris de verde, isso é problema seu. Suponha que eu chegasse até você e dissesse: "O verde Paris não é venenoso, é uma coisa excelente para o sistema humano"; e suponha que eu continuasse dizendo: "Veja aqui, estou tomando Paris green, olhe para mim". (Pegando um copo de água e bebendo.) "Veja, ele me refresca e não me mata!" O que você acharia disso? Você teria razão para dizer que eu estava fazendo malabarismo com as palavras. E é isso que eu lhe digo. Você não tem o direito de chamar a água de verde Paris; ela é conhecida em todo o mundo como água, e o verde Paris é conhecido como verde Paris, um veneno.

Da mesma forma, "salário" é um termo técnico. O termo significa, na economia política, a parte do produto do trabalho que o trabalhador pode manter e que não é roubada dele pelo capitalista. Mas suponha que chamemos a renda de um homem de seu salário, e que eu queira dizer com isso o produto total de seu trabalho, não seria a mesma coisa? Sim, seria a mesma coisa se você quisesse dizer a coisa certa, mas aqui eu o advertiria - e nisso consiste uma das "maldades" de nós, socialistas de Nova York e do Brooklyn - insistimos em termos estritos e técnicos, porque se você fizer malabarismos com os termos dessa forma, terá uma confusão de Torre de Babel. A Bíblia, que recomendo que leia com atenção, traz em sua história da Torre de Babel uma advertência que vale a pena levar a sério. Quando o Senhor quis confundir os judeus para que não construíssem a torre e não entrassem no céu por esse caminho, ele introduziu a confusão de linguagem entre eles. Então, quando um homem dizia: "Traga-me um tijolo", eles lhe traziam uma cadeira, e quando um homem dizia: "Traga-me uma cadeira", eles o golpeavam na cabeça com um pé de cabra; e assim, não conseguindo entender uns aos outros, a construção

A torre foi abandonada, e as pessoas se espalharam pelos quatro ventos. Agora, nós, socialistas, nos preparamos contra todos os conflitos da Torre de Babel. Quando dizemos "salários", estamos nos referindo ao que é assim denominado pela economia política científica, e não permitiremos que seu caráter bem marcado e nítido seja borrado. Os salários são o que se entende que sejam tecnicamente, e não os chamamos por outro nome. Os US\$ 4 que seus trabalhadores receberiam não seriam "salários". Esses US\$ 4 seriam o produto do trabalho. Hoje ele recebe salário, e salário significa apenas a parte de seu produto, como eu disse antes, que o capital não rouba dele.

A menos que defina os salários dessa forma, você não conseguirá ter uma compreensão clara e científica do que são os lucros, ou seja, a parte do produto do trabalho que o capitalista rouba do trabalhador. O trabalhador produz uma certa quantidade de riqueza, que é dividida em duas partes. Uma pequena parte é chamada de salário; a grande parte é chamada de lucro. Agora, ao nos atermos às definições científicas, somos ajudados a entender a natureza do capitalismo e as relações que existem entre eles.

entre a classe capitalista e a classe dos trabalhadores. Somos ajudados a entender que o capital, ou seja, a classe capitalista, e o trabalho nascem juntos. Uma vez que os salários são uma parte do produto do trabalho e os lucros são outra parte, segue-se que não se pode aumentar os lucros sem reduzir os salários, e não se pode aumentar os salários sem reduzir os lucros. Isso significa que os interesses do homem que obtém lucros são totalmente contrários aos interesses da classe trabalhadora. Em outras palavras, os dois são inimigos natos, e a luta entre eles não pode ser remendada - deve ser travada até o fim.

Agora vocês entenderão o perigo de usar a palavra "salários" de forma vaga; ela simplesmente ajuda os falsificadores de mão de obra - [Aplausos altos e prolongados, durante os quais alguém na plataforma sussurrou para o orador que o questionador era um notório falsificador de mão de obra de Boston] - Parece que acertei o prego com mais precisão do que imaginava. Bem, como eu estava dizendo: Esse uso livre do termo "salários" auxilia positivamente o falsificador de mão de obra em seu trabalho de enganá-lo e levá-lo à confusão política dos capitalistas.

Os capitalistas democratas e republicanos, na época das eleições, parecem ser inimigos, mas, depois de assumirem seus cargos, apertam as mãos e dão boas risadas. Agora, para que esses senhores possam rir, os agentes políticos de sua classe devem ter sido mantidos no cargo, e os representantes da classe trabalhadora devem ter sido mantidos fora. Para isso, os trabalhadores devem ter votado nos candidatos capitalistas - não importa se democratas ou republicanos, é tudo uma coisa só; e para induzir os trabalhadores a cortar suas próprias gargantas dessa forma, eles devem ser levados a acreditar que "capital e trabalho são irmãos". Esse é o trabalho importante para o qual o falsificador de mão de obra é contratado pelos capitalistas. Ele deve tornar plausível para os trabalhadores o fato de que eles e seus esfoladores são irmãos.

Enquanto um trabalhador imaginar que o capital é seu irmão, ele esperará algo de seu "irmão". Quando o trabalhador irlandês chegou a este país, ele pensou que todos os irlandeses do mundo eram seus irmãos e se uniram a ele contra o "calcanhar de ferro da Inglaterra", e

DANIEL DE LEON

Assim, ele confiou no capitalista irlandês. Mas seu "irmão", o capitalista irlandês, enquanto lhe dava tapinhas nas costas, esfolava, sangrava e o usava da maneira capitalista aprovada. O mesmo aconteceu com os trabalhadores judeus. Eles vieram para este país e imaginaram que o capitalista judeu era seu irmão - todos da semente de Abraão. O capitalista judeu promoveu a ilusão lucrativa e montou nas costas de seus irmãos abraâmicos. E assim foi com o capitalista americano e o trabalhador americano, até o fim da lista de nacionalidades.

Ao insistir no uso estrito dos termos "salários", "lucros" etc., permitimos que a classe trabalhadora compreenda e proceda a partir da verdade fundamental de que os interesses dos trabalhadores os unem e se opõem aos do capitalista - seja ele judeu ou gentio, irlandês ou americano, democrata ou republicano, ou seja, um inseto prateado ou dourado ou um inseto de cama. E, ao fazermos isso, mancamos o braço do falsificador de mão de obra que é enviado para dizer ao trabalhador: "O capitalista é seu irmão; e eu sou seu irmão; então venha até seu querido irmão e seja esfolado."

Pergunta (sem nome) - A questão social é uma questão econômica. Por que uma organização econômica não deveria ser suficiente?

O Orador - A questão social e todas as questões desse tipo são essencialmente políticas. Se você tiver apenas uma organização econômica, será como um pato voando com uma asa; você precisa ter uma organização política ou não chegará a lugar algum. Observe o capitalista de perto e veja se a questão social é exclusivamente econômica ou se a política não é muito necessária. O capitalista manda na loja. Ele está satisfeito com isso? Observe-o na época das eleições, pois é lá que ele trabalha; ele também tem outra oficina, não econômica - as legislaturas e as capitais da nação. Ele circula por elas e obtém resultados políticos. Ele faz com que sejam aprovadas as leis que protegem os interesses de sua classe econômica e puxa os fios quando esses interesses estão em perigo, fazendo cair o braço forte do poder político sobre a cabeça dos trabalhadores grevistas, que têm a noção de que a questão salarial ou social é apenas uma questão econômica.

Não se engane: A organização da classe trabalhadora deve ser tanto econômica quanto política. O capitalista está organizado em ambas as linhas. É preciso atacá-lo em ambas.